

LIBERTAÇÃO GAY E LUTA PELO SOCIALISMO(*)

Noel Hallifax

Não é necessariamente assim

Qualquer um que defenda a libertação gay enfrenta o velho clichê de que isso é contra a natureza humana. Essa crença em uma natureza humana estática determinada pela nossa estrutura genética e os nossos instintos é o mito mais popular utilizado para justificar a opressão sobre os homossexuais.

A primeira questão a ser tomada é a idéia de que lésbicas ou gays são "pervertidos", "desviados", "anormais". Mesmo uma pesquisa superficial de diferentes sociedades mostra enormes variações no que é considerado "normal". A sexualidade é algo que não é biologicamente definido, mas socialmente determinado. E a definição tem sofrido enormes mudanças através da história.

Muitas sociedades consideravam a homossexualidade como algo "normal". O exemplo mais conhecido é a Grécia antiga. O amor entre os homens era idealizado na arte e na poesia grega. A mitologia grega está cheia de histórias de amor de gays e lésbicas. A história de Adonis e Narciso, por exemplo, fala de um deus caindo na luxúria e perseguindo belos jovens. O culto a Adonis tinha templos e festivais dedicados a celebrar e promover relações gays. Na sociedade grega um homem que se apaixonasse e tivesse relações sexuais com outro homem era visto como sendo perfeitamente normal.

Isso não deve levar-nos a crer que a sociedade grega era um paraíso sem opressão. Era uma sociedade baseada na escravidão, na qual a vasta maioria da população era composta de escravos que pertenciam a cidadãos

livres. Escravos não tinham nenhum direito, criados como diferentes raças de cães para diferentes funções - escravos robustos para

trabalhos pesados, escravos passivos para trabalhos domésticos, e assim por diante.

Além do mais, as mulheres possuíam um status tão baixo que os homens pensavam que era quase impossível para um homem e uma mulher terem uma relação amorosa de igual para igual - as mulheres eram para cuidar da casa e das crianças, o amor era com rapazes. Era uma sociedade opressiva horrível.

Na cidade-estado de Esparta o amor entre jovens e homens era um aspecto permanente e importante em seu exército. Um guerreiro treinava um jovem na arte da guerra, um aprendizado longo e árduo. A relação entre o guerreiro e o seu aprendiz era próxima e vital, tão importante que os planos de batalha do exército espartano eram feitos com base nessa relação.

A casta guerreira do Japão feudal - os samurais - tinha idéias semelhantes às dos espartanos, refletidas em poemas e histórias de amor gay da época.

Assim não há nada de pervertido no amor gay. A sua existência pode ser constatada em quase todas as sociedades, mesmo naquelas que o proíbem veementemente. O amor entre pessoas do mesmo sexo é um aspecto comum da sexualidade humana. O que precisa ser explicado é porque algumas sociedades o oprime.

Os utópicos

O primeiro movimento socialista na Grã-Bretanha - os socialistas utópicos - data do final do século 18 até a primeira metade do século 19. Eles coincidiram com o movimento cartista, primeiro movimento operário na Grã-Bretanha, sobre o qual tiveram uma influência significativa.

Os socialistas utópicos não só tinham consciência da opressão sexual mas também colocavam esta questão no centro de sua política. Eles enfatizavam em particular a necessidade das mulheres terem liberdade de fruir a sua sexualidade. Eles defendiam firmemente a libertação sexual - embora não tivessem uma idéia clara das causas da opressão sexual. A

explicação mais popular era a ignorância: as cabeças das pessoas estavam cheias de idéias erradas, implantadas pela igreja. A batalha contra a opressão sexual era portanto uma batalha contra idéias equivocadas.

Isso levou-os a duas estratégias complementares e igualmente desfocadas. A primeira era apelar a capitalistas esclarecidos para apoiá-los. Como as suas idéias estavam baseadas na razão, a força do argumento seria suficiente para conseguir apoio de capitalistas influentes. Não surpreende que eles tenham atraído poucos colaboradores.

Outros viram a saída na "propaganda dos atos" - vivendo agora as idéias de uma sociedade futura. Isso levou muitos a estabelecerem comunidades e outras experiências de vida não monogâmica. A grande maioria dessas idéias falhou. O seu maior fracasso foi não conseguir oferecer nenhuma alternativa à família para a grande maioria dos trabalhadores. Há muito mais na opressão sexual do que ter idéias erradas, e as restrições materiais que a maioria dos trabalhadores sofrem não podem simplesmente ser eliminadas pela força da nossa vontade.

As raízes da opressão

Ao mesmo tempo em que os socialistas utópicos tinham idéias interessantes para escapar individualmente da opressão sexual, eles não podiam explicar porque essa opressão era predominante, nem como combatê-la. Apenas quando Engels escreveu **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado** em 1884 tornou-se possível explicar cientificamente as raízes da opressão sexual. E somente então tornou-se possível ver como poderia ser eliminada.

Engels viu que a base da opressão das mulheres e do sexismo era a família, o núcleo básico da sociedade que estruturava e determinava a posição desigual das mulheres. Analisando diferentes formas de família em diferentes tipos de sociedade, ele mostrou que a família havia mudado fundamentalmente de um estágio de sociedade para outro. A monogamia não era um instinto "natural" e "biológico", mas um produto da forma na qual a sociedade estava organizada. Utilizando o trabalho de antropólogos ele buscou as raízes da família na criação das classes na sociedade humana.

Conforme as sociedades passaram a produzir mais do que o necessário para o próprio sustento, o surgimento da propriedade privada acarretou uma divisão da sociedade em classes desiguais. Uma minoria possuía a maior parte da riqueza da sociedade, enquanto a maioria possuía pouco ou nada. O surgimento dos direitos de propriedade também trouxe uma mudança fundamental nas relações entre homens e mulheres. A divisão de trabalho anterior (com as mulheres como cultivadoras e os homens como caçadores e cuidadores de rebanho) conferia uma posição elevada às mulheres, uma vez que para sobreviver a sociedade dependia primeiramente dos alimentos que elas produziam. A nova divisão tornou-se profundamente desigual, já que a minoria que formava a classe dos proprietários era formada praticamente por homens. O casamento torna-se monogâmico porque os homens que controlavam as propriedades buscavam passá-las para os seus filhos, e para isso eles precisavam saber quem eram eles.

Para Engels o fim da linhagem materna (o reconhecimento da descendência através da mãe) marcou a "derrota histórica do sexo feminino". Ele afirmou que: "O primeiro antagonismo de classes que aparece na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre homens e mulheres no casamento monogâmico, e a primeira opressão de classe coincide com a opressão do sexo feminino pelo masculino" [F. Engels *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*]

A propriedade privada também deu lugar às primeiras formas primitivas do estado enquanto um órgão de coerção que assegurava o domínio da minoria sobre a maioria despossuída, ao qual foi incorporado um conjunto de estruturas legais reforçando a posição subordinada das mulheres.

Atualmente sabe-se muito mais sobre as sociedades primitivas do que na época de Engels, e hoje reconhece-se que muito das suas descrições dessas sociedades está errado. O processo pelo qual a sociedade de classes foi formada foi muito mais desigual e complexa do que pensava Engels. Muitos dos detalhes de sua obra foram tomados de sociedades que não eram típicas. Apesar dessas debilidades o ponto central de sua análise - de que a família e a opressão das mulheres eram produtos da sociedade de classes - permanece válido.

O objetivo de Engels era mostrar que a opressão sexual não era uma característica permanente e imutável da história humana, mas sim que havia

se desenvolvido em resposta às mudanças no modo em que a sociedade estava organizada. O que os seres humanos haviam criado, os seres humanos podiam destruir. A opressão sexual poderia ser desarraigada, mas somente mudando a organização da própria sociedade. A família está tão profundamente enraizada na sociedade de classes que ela só pode ser desarraigada pela destruição da sociedade de classes - pela vitória do socialismo.

Para entendermos como a família e a opressão feminina produziram a opressão gay é necessário que vejamos como a família transformou-se fundamentalmente sob o capitalismo. O capitalismo é, dentre todas as formas de sociedade de classes, a mais dinâmica e revolucionária, uma sociedade que só pode progredir mudando e expandindo constantemente a sua base econômica. Como Marx e Engels escreveram em *O Manifesto Comunista*:

"A constante revolução da produção, a perturbação ininterrupta de todas as condições sociais, a incerteza e a agitação perpétuas distinguem a época burguesa de todas as anteriores. Todas as relações fixas, com o seu trem de preconceitos antigos e veneráveis, são varridas, todas as recém-formadas se tornam antiquadas antes que possam se ossificar."

O que é verdadeiro para a sociedade como um todo também o é para a família. O processo inicial de industrialização destruiu a família operária tal como existia, destruindo a sua base como uma unidade de produção. Mulheres, homens e crianças, foram todos lançados nos novos moinhos e fábricas, não como membros de uma família, mas como trabalhadores igualmente "livres". Ainda na década de 1840 a maioria dos trabalhadores das fábricas na Grã-Bretanha eram mulheres e crianças. As horríveis condições de vida e de trabalho que sofreram destruíram qualquer aparência de uma vida familiar normal. E o acesso das mulheres a meios de sobrevivência independentes permitiu a muitas delas escaparem da necessidade de se casarem. Isso levou muitos, inclusive Marx e Engels, a prever a morte da família operária.

Na realidade a família não só sobreviveu mas floresceu - mas numa forma muito diferente. O capitalismo dependia de uma oferta ininterrupta de mão-de-obra, e aqueles que dirigiam o sistema passaram a ver cada vez mais a família como sendo o melhor meio de assegurar-lhes isso praticamente sem qualquer custo para eles próprios. A partir de meados do século XIX houve tentativas conscientes de reconstruir uma vida familiar estável para as

classes trabalhadoras. Em parte isso implicou na gradual exclusão das mulheres e crianças de certas áreas de trabalho e no pagamento de um "salário-família" para alguns trabalhadores. As mulheres foram excluídas, em particular, daquelas indústrias que colocavam em risco a sua capacidade de gerar filhos.

A família era necessária, em primeiro lugar, para reproduzir diariamente a capacidade dos trabalhadores para o trabalho - para alimentá-los, vesti-los e abrigá-los para que pudessem continuar a produzir mais-valia para os capitalistas. Mais importante, era também necessária como um meio para produzir futuras gerações de trabalhadores. Isso significava não só a produção física de crianças, mas também o seu treinamento social e ideológico, para produzir uma força de trabalho saudável, educada e submissa. Tal era o ideal de família nuclear.

Na prática esse ideal quase nunca era realizado plenamente. Muitos capitalistas não pagavam um "salário-família" adequado, e muitas mulheres continuavam a trabalhar em tempo integral ou parcial. Mas uma ampla gama de controles sociais, econômicos e ideológicos foram usados para impor a nova família à classe trabalhadora. Isso funcionou porque muitos trabalhadores, homens e mulheres, saudaram essa imposição. A família nuclear pareceu ser a única alternativa ao pesadelo de todos os membros da família trabalharem 12 horas por dia em troca de uma miséria e em condições brutalmente insalubres e perigosas.

Por fim, a família proporcionou aos seus membros a ilusão de terem um grau de controle sobre uma parte de suas vidas, um paraíso dentro de um mundo cruel. Contudo o restabelecimento da família nuclear assegurou a continuidade da opressão das mulheres.

A família tornou-se assim uma área de vida "privada" separada da esfera pública da produção, mas uma área ordenada e controlada pelo capitalismo. À medida em que a família nuclear se tornou cada vez mais importante para o capitalismo, também tornou-se cada vez mais importante apresentá-la como sendo **a única forma possível de vida** e assegurar que as divisões sexuais que isso acarretava fossem passadas às futuras gerações de trabalhadores. A família, em outras palavras, tornou-se um meio não só de controle social sobre os trabalhadores, mas também de controle ideológico.

São esses controles que são colocados em xeque pela simples existência de gays e lésbicas. A sexualidade gay desafia a idéia da família monogâmica como o único modo de vida possível - também desafia a idéia de que o sexo seja apenas para a reprodução. A sexualidade tornou-se não uma questão privada regulada pelas tradições e preconceitos da comunidade, como havia sido nas sociedades pré-capitalistas, mas um problema público para o Estado regular e restringir.

Essa restrição tornou-se duplamente importante porque o desenvolvimento do capitalismo também criou as condições para formas muito mais amplas de expressão da sexualidade - pelo menos para uma minoria. A destruição das velhas comunidades de vilarejos, e com isso a quebra da fortaleza da Igreja, a possibilidade dos jovens escaparem da família por causa do seu acesso a salários independentes e o anonimato das grandes cidades - tudo isso ajudou a criar as condições nas quais se tornou muito mais possível o desenvolvimento e o florescimento da sexualidade gay.

A resposta do Estado foi reprimir qualquer sexualidade "desviada" através de uma série de leis repressivas e condenações judiciais exemplares designadas para forçar os gays e lésbicas a permanecerem nos porões da sociedade. A sociedade passou a definir o que era um comportamento sexual "normal", ao mesmo tempo em que criou o "homossexual" como um tipo social. São sempre os opressores que definem os oprimidos, embora frequentemente os oprimidos assumam os rótulos e símbolos de sua opressão como sinais de força e orgulho.

A opressão gay existiu em sociedades pré-capitalistas com um grau altamente variado de repressão e selvageria. Outras aceitaram o amor gay ao lado da heterossexualidade. Foi somente com o advento do capitalismo que a opressão gay tornou-se sistematizada como uma defesa necessária da família nuclear. Mas o capitalismo também criou possibilidades muito maiores do que qualquer sociedade anterior para as pessoas realizarem e viverem suas sexualidades. Pela primeira vez na história era possível lutar pela libertação gay.

A tradição marxista

A tradição marxista não começou e terminou com Engels. Desde o século 19 e através do século 20 houve uma tradição de luta e organização

contra a opressão sexual, incluindo a opressão gay. Foi uma tradição que terminou em 1934, esquecida ou deliberadamente apagada da história até a sua redescoberta no final da década de 60. Essa falsificação deliberada da história foi em grande medida a obra dos Partidos Comunistas oficiais. Hoje essa mesma tradição é em grande medida ignorada pelo movimento gay. Muitos socialistas e a maior parte do movimento gay desconhecem, portanto, a sua própria história.

A Segunda Internacional

A II Internacional foi uma organização operária de massas. Dentre os partidos que a compunham o maior partido, e o mais importante, era o SPD (Partido Social-Democrata) alemão. O SPD aglutinava milhões de trabalhadores, influenciando-os não só politicamente, mas também a sua vida social e cultural. O partido organizava tavernas, corais, ciclismo e outras diversas atividades. Era como uma sociedade dentro da sociedade. Ilegal por muitos anos, o SPD foi o maior e mais impressionante movimento socialista anterior à Revolução russa.

Nas décadas de 1880 e 1890 foi o centro das idéias e atividades socialistas. Com Engels como seu guia ideológico e crítico, e contando com dirigentes do porte de Rosa Luxemburgo, Karl Liebknecht, August Bebel e Karl Kautsky - chamado então de o "Papa do marxismo" - , o SPD proclamava-se marxista e revolucionário.

Mas por baixo da superfície a realidade não era tão simples assim. O SPD era um partido de massas, mas era também um partido confuso e sem unidade. Dentro dele existiam diferentes correntes, muitas das quais não eram marxistas ou eram até mesmo anti-marxistas e que se opunham ao socialismo revolucionário. Eduard Bernstein foi o mais famoso teórico que defendia a evolução e a mudança gradual do capitalismo através de reformas, em contraposição à mudança revolucionária.

Mais importante era o fato de que o SPD, embora usasse palavreado marxista, na prática atuava como um partido reformista. Seus deputados, dirigentes sindicais e as inúmeras organizações de que dispunha foram criados dentro da estrutura do capitalismo, na realidade baseavam-se nela. Na Alemanha, com um baixo nível de luta de classes, a diferença entre a

classe trabalhadora e o partido não era clara na cabeça dos membros do SPD. O socialismo para eles significava, na prática, conquistar o estado, com o partido conquistando gradualmente a hegemonia por dentro da sociedade. Em outras palavras, o partido substituiu a classe trabalhadora enquanto agente da mudança social.

Mas do mesmo modo como o socialismo revolucionário, a tradição de luta pela libertação sexual também fazia parte do SPD. Da década de 1880 até os anos 30 deste século a luta pela libertação sexual era parte do movimento socialista. Uma história da luta contra a opressão sexual nesse período só pode ser entendida como parte da história mais abrangente do próprio movimento socialista. E assim como o SPD era o centro da II Internacional também era o centro da política sexual.

A homossexualidade era ilegal na Prússia nos anos 1860 e mais tarde no código penal da Alemanha em 1871 - no famoso parágrafo 175.

Já nos anos 1860 os socialistas alemães tiveram que lutar contra a opressão gay. Em 1861 um homem chamado J B von Schweitzer foi preso e julgado por homossexualismo em Mannheim. Ele foi defendido por Ferdinand Lassale, um dos primeiros dirigentes socialistas da Alemanha, e em 1863 ingressou a Associação Universal dos Trabalhadores, vindo a tornar-se um dos seus dirigentes.

Em 1897 Magnus Hirschfeld fundou o Comitê Humanitário Científico. O Comitê colocou-se a tarefa de legalizar o homossexualismo, esclarecer a opinião pública sobre o assunto e " despertar o interesse no próprio homossexual para a luta por seus direitos". O Comitê foi o primeiro grupo de reforma gay. Como parte de sua campanha foi lançada uma petição pela revogação do parágrafo 175.

O SPD teve um papel fundamental nessa campanha. August Bebel encaminhou a petição para o Reichstag - o parlamento alemão - no dia 13 de junho de 1898 e reivindicou a revogação da lei. Nas assinaturas de apoio à petição constavam as dos mais proeminentes líderes do SPD, entre eles Eduard Bernstein, Karl Kautsky e Käthe Köllwitz.

Mas a questão mais importante que os socialistas enfrentaram na luta contra a opressão gay foi o julgamento do escritor inglês Oscar Wilde em

1895. O julgamento tornou-se uma desculpa para uma ampla campanha anti-gay na Grã-Bretanha. Bernard Shaw tentou encaminhar uma petição, mas não conseguiu nenhuma assinatura dos políticos do Partido Liberal.

Na Alemanha o jornal do SPD, **Die Neue Zeit**, defendeu Oscar Wilde. Bernstein, em um longo artigo publicado em duas partes em 1895, apresentou uma crítica materialista da moralidade e sublinhou a obrigação dos socialistas de se colocarem enquanto direção nas questões sexuais a partir de uma "perspectiva científica". Ele argumentou contra as noções de sexualidade "natural" e "não natural":

"Antigamente os romanos, gregos, egípcios e vários povos asiáticos cultivavam a gratificação homossexual (...) o intercuro entre sexos iguais é tão antigo e tão disseminado que não podemos afirmar com certeza que algum estágio da cultura humana esteve livre desse fenômeno (...) atitudes morais são fenômenos históricos." [citado em John Lauritson and David Thorsad, *The Early Homossexual Rights: Movement 1864-1935*]

A campanha pela petição levou a um debate no Reichstag em 1905, com SPD de um lado e todos os outros partidos de outro. Adolph Thiele dirigiu o SPD no debate e o jornal do partido, **Vorwärts**, deu ampla cobertura à campanha.

Assim, o SPD tinha uma atitude correta de combater a opressão gay. Mas havia também muita confusão teórica sobre o assunto. Os artigos de Bernstein eram os melhores que o partido havia produzido sobre a questão, atacando a idéia de uma natureza humana estática. Mas as teorias dos reformadores sexuais tinham muitas debilidades e confusões.

Magnus Hirschfeld foi um dos mais influentes, tendo cumprido um papel central nas campanhas e atividades desde os anos 1890 até a década de 1930. Ele afirmava que lésbicas e gays constituíam um "terceiro sexo" - a meio caminho entre homem e mulher, física e mentalmente diferentes dos outros dois sexos. Na realidade ele acreditava numa versão liberal de determinismo biológico.

As pessoas nasceriam como homens, mulheres e do terceiro sexo, cada sexo tendo características físicas e mentais pré determinadas. A sociedade, afirmava ele, deveria aceitar o terceiro sexo uma vez que era tão natural

como os outros dois sexos. No fundo as idéias de Hirschfeld eram reacionárias, e foram mais tarde deturpadas e utilizadas pelos nazistas para justificar a eliminação de lésbicas e gays, tidos como "desvios genéticos".

Na Grã-Bretanha a esquerda era muito mais fraca do que na Alemanha. Os partidos "marxistas" eram pequenos e reacionários em muitas questões, incluindo a política sexual. Dessa forma apenas indivíduos isolados lutaram por reformas nesse campo, dentre os quais o mais importante foi Edward Carpenter.

A visão de Carpenter do socialismo era a de uma nova era de democracia, camaradagem e liberdade sexual. Em 1894 ele fez uma palestra sobre "amor homogênico", mais tarde publicado pela Manchester Labour Press. O pânico homofóbico que varreu a Grã-Bretanha após o julgamento de Wilde isolou Carpenter, mas o seu livro **Love's Coming of Age**, vendeu mais de 50 mil cópias até 1914.

Carpenter tinha pontos de vista parecidos aos de Hirschfeld, com a exceção de que ele acreditava que o terceiro sexo era um potencial na maioria das pessoas. Embora radical ele era essencialmente um utópico - a nova era seria conquistada pela educação e o exemplo do "amor querido de camaradas". Para ele o "sexo intermediário", através do exemplo teria um papel especial nesse processo de transformação.

"É possível que o espírito urânico [gay] possa levar a algo como um entusiasmo geral da humanidade, e que o povo urânico possa ser destinado a formar a vanguarda do grande movimento que um dia transformará a vida comum, fazendo com que a terra de afeição pessoal e de compaixão substitua esta controlada por laços monetários e legais que hoje confinam a sociedade". [Edward Carpenter, *The Intermediate Sex*].

Ao todo foram publicados quatro cadernos de Carpenter sobre a sexualidade. Embora ele fosse o melhor dos escritores britânicos de sua época, não avançou seriamente além das idéias dos socialistas utópicos.

Embora Bernstein tivesse avançado além das idéias de Hirschfeld, ele possuía um projeto reformista. A sociedade precisaria ser educada para aceitar o homossexualismo - o problema seria a ignorância e o pensamento não científico. O instrumento dessa mudança seria o SPD, educando e

transformando gradualmente a sociedade para aceitar o homossexualismo. Hirschfeld atribuiu um papel mais proeminente para a atividade dos gays e lésbicas.

Além disso, apesar de que o SPD impressionasse com seu discurso, as suas ações frequentemente iam na direção oposta. Embora o partido fizesse campanha e agitação para legalizar a homossexualidade masculina ele via a questão como sendo de direitos civis. O SPD com seus clubes e sociedades dentro da estrutura social, estava firmemente baseada na "respeitável classe trabalhadora". A base material da opressão - a família - não era criticada. O SPD foi construído dentro da estrutura da sociedade capitalista e uma das "superestruturas" nas quais estava mais profundamente enraizado era a família nuclear.

A idéia de que lutar pela libertação sexual significava uma visão de socialismo no qual os rótulos de heterossexual e homossexual perderiam seu significado social, em que a família perderia a sua importância e a separação entre as vidas pública e privada deixaria de existir, era uma visão estranha à maior parte do SPD. A estratégia do partido era reformista e não revolucionária.

Como Rosa Luxemburgo argumentou contra Bernstein, o conflito entre reformistas e revolucionários geralmente parece ser um debate de **como** alcançar o socialismo, mas a divergência é muito mais profunda. Trata-se do que **é** realmente o socialismo.

A verdade de sua posição foi demonstrada vívida e tragicamente pela atitude do SPD diante da I Guerra Mundial. Apesar de haver defendido a oposição à guerra, na hora H o SPD votou pelos créditos de guerra e apoiou o "seu" governo. Praticamente todos os outros partidos da II Internacional fizeram o mesmo. O nacionalismo que necessariamente resultou do reformismo anulou qualquer compromisso verbal com o internacionalismo.

A tradição socialista de combate à opressão sexual seria a partir daí assumida e desenvolvida pelo Partido Bochevique e a III Internacional.

Os bolcheviques

Das cinzas da II Internacional em 1914 e da Revolução Russa de 1917 surgiu a III Internacional em 1919. O SPD, desacreditado pelos internacionalistas, já não era o centro do movimento socialista. A vitória da Revolução Russa tornou-se a principal fonte de inspiração e de direção para os revolucionários e para os milhões de trabalhadores em revolta contra a velha ordem.

Uma onda de lutas revolucionárias varreu a Europa após a I Guerra Mundial. Operários ocuparam fábricas, tomaram de assalto palácios e abalaram o domínio do capital de Moscou a Glasgow e da Finlândia à Catalunha. Muitas das velhas estruturas de poder foram destruídas. Mas somente na Rússia a maré da revolta trouxe à luz um estado operário. Os velhos partidos da II Internacional aliaram-se com as suas classes dominantes para reestabelecer a "ordem". Os internacionalistas, junto com os bolcheviques formaram a III Internacional e tentaram construir partidos comunistas com base no exemplo russo.

Do mesmo modo como no período anterior a história da política sexual era parte da história da esquerda, no século XX ela esteve ligada ao destino da revolução.

Em dezembro de 1917, dois meses após a revolução, os bolcheviques aboliram todas as leis contra a homossexualidade. Ao mesmo tempo o aborto foi legalizado, o divórcio foi garantido e as leis de maioridade foram abolidas. Em dois meses os bolcheviques conseguiram mais do que em décadas de reforma liberal nos outros países. As liberdades legais garantidas pela revolução foram mais amplas do que quaisquer outras conquistadas antes ou depois da revolução.

Mas os bolcheviques não podem ser julgados apenas por suas palavras. Ao lado das novas leis houve uma tentativa séria para criar alternativas à família, e assim destruir a base material da opressão da mulher. Restaurantes, lavanderias e creches comunais foram estabelecidos para possibilitar às mulheres escaparem da labuta das tarefas domésticas. Todas essas mudanças ocorreram em um país atrasado e destruído pela guerra, e assim foram sempre limitadas pela pobreza da Rússia, da mesma forma como a própria revolução. Contudo a Revolução Russa mostrou na prática como uma

sociedade socialista poderia começar a erradicar as raízes da opressão sexual.

Como o bolchevique Grigorii Batkis escreveu em 1923:

"A atual legislação sexual na União Soviética é obra da revolução de outubro. Essa revolução é importante não apenas como um fenômeno político que assegura o papel político da classe trabalhadora. Mas também pelas revoluções que se desenvolveram a partir dela atingindo outras áreas da vida (...) [A legislação Soviética] declara a absoluta não interferência do estado e da sociedade em questões sexuais tanto quanto ninguém seja ferido ou tenha seus interesses violados - no que concerne à homossexualidade, sodomia e várias outras formas de gratificação sexual que são consideradas pela legislação européia como ofensas à moralidade. A legislação soviética trata-os de forma exatamente igual ao chamado intercuro "natural"."[citado em *Early Homossexual Rights Movement*]

Delegados soviéticos foram enviados aos Congressos Internacionais da Liga Mundial Pela Reforma Sexual (ela própria um produto do alto nível de luta em todos os campos que se seguiu à I Guerra Mundial) em Berlim em 1921, Copenhague em 1928 e Viena em 1930.

A prática e a política dos comunistas nos anos 20 contrastavam com as do SPD ou de indivíduos progressistas do período anterior. A sua meta não era conseguir a aceitação da homossexualidade, mas sim mudar a sociedade para esvaziar essa palavra de qualquer significado. A revolução buscava varrer, nas palavras de Marx, " toda merda do capitalismo" e substituir a base da opressão sexual - a família.

Mas se a revolução havia começado na Rússia, era na Alemanha que a sua vitória ou derrota seria decidida. A derrota da revolução alemã de 1919 e a ascensão de Hitler em 1933 foi o pano de fundo para o isolamento e a derrota da Revolução Russa. Isolada e acossada pela guerra civil e pelos exércitos invasores, a classe trabalhadora russa foi literalmente destruída enquanto classe. Já pelo início dos anos 20 os bolcheviques foram forçados a agir em nome de uma classe que estava desintegrando-se. No final dos anos 20 o processo de degenerescência estava bem avançado. A vitória de Stalin e da sua teoria do "socialismo num só país" em 1924 foi uma derrota esmagadora para a tradição socialista de combate pela libertação sexual.

Uma das principais causas da vitória de Stalin foi a derrota da revolução alemã.

Alemanha 1919-33

Quando os soldados, marinheiros e operários derrubaram o Kaiser em 1918 o SPD, então abertamente reformista, tornou-se um dos principais bastiões da velha ordem. Revolucionários como Rosa Luxemburgo, Clara Zetkin e Karl Liebknecht encontraram-se isolados e marginalizados. Rosa Luxemburgo e Liebknecht foram assassinados sob as ordens do SPD, e o capitalismo sobreviveu graças à capacidade do SPD em manter o apoio de milhões de trabalhadores.

Quando os operários e soldados tomaram de assalto o palácio do Kaiser, Magnus Hirschfeld dirigiu-se às multidões anunciando a aurora de uma nova era e o fim de toda a exploração e opressão. Mas essa nova era seria o fruto não de uma revolução a partir de baixo, mas sim pela tomada do aparato estatal pelo SPD. Com a república de Weimar, pela primeira vez um partido reformista assumiu o governo. Assim pouco surpreende que os trabalhadores tenham apoiado inicialmente o "seu" governo. Mas a medida em que o governo se mostrou incapaz de resolver a profunda crise pela qual passava a Alemanha o nível da luta de classes elevou-se agudamente.

O elevado nível de luta de classes na Alemanha refletiu-se não só na quantidade de greves e na militância partidária, mas em todos os aspectos da vida. Foi em 1919 que Hirschfeld estabeleceu a sua Fundação para Pesquisa Sexual e o seu famoso Instituto para a Ciência Sexual em Berlim. Em 1921 ele contribuiu para a convocação e realização da Liga Mundial Pela Reforma Sexual, a qual assumiu as leis soviéticas como exemplo e meta para o resto do mundo.

Hirschfeld foi empurrado para a esquerda pelo curso dos acontecimentos, mas permaneceu até o fim como um reformista e membro do SPD - somente mais tarde ele questionou alguns aspectos do seu reformismo. Ele via a república de Weimar como sendo a melhor base para educar as massas, mesmo quando descobriu que tinha que buscar o apoio dos comunistas para conseguir as reformas.

Berlim tornou-se o centro de uma sub-cultura gay. A desintegração da velha sociedade, a inquietação e o questionamento dos velhos valores criou um espaço para a tolerância em relação à homossexualidade. Pessoas que, como os escritores ingleses Christopher Isherwood e W H Auden (ambos "companheiros de viagem" do Partido Comunista nos anos 30), tinham condições para tanto, iam a Berlim como hoje muitos vão a San Francisco ou Amsterdã. Como disse Isherwood, "Para nós Berlim significava garotos". Ao contrário da repressiva Grã-Bretanha lá era possível ser abertamente gay.

Era uma situação que não podia durar. A crise e a recessão que se seguiram à guerra atingiu a Alemanha mais do que qualquer outro lugar. A Alemanha tinha uma classe trabalhadora organizada e poderosa. Havia pouco campo para reformas prolongadas, pois o sistema não podia sustentá-las. A luta durou mais de dez anos, terminando finalmente com o esmagamento de todas as organizações operárias pelos nazistas.

Wilhelm Reich

Uma pessoa que na época esteve a frente da tentativa de fundir a prática comunista com a libertação sexual foi Wilhelm Reich, um discípulo de Freud. Reich via a opressão sexual como um dos grandes males do capitalismo, uma das principais formas pelas quais os trabalhadores eram mantidos dóceis e respeitadores da ordem. O sexo, afirmava ele, era uma força potencialmente libertadora e inquietante. Para serem verdadeiramente revolucionários deveriam libertar-se da opressão sexual. O Partido Comunista ao mesmo tempo em que educava os seus membros em teoria e atividade política, deveria libertar sexualmente os seus militantes.

Reich, que foi um membro do Partido Comunista nos anos 20 (ele foi expulso em 1929), tinha uma influência particularmente na liga da juventude comunista. Novos recrutas deveriam ler **O Estado e a Revolução** de Lenin e libertar-se de seus "grilos sexuais". Somente pessoas liberadas sexualmente na teoria e na prática poderiam ser verdadeiramente revolucionárias. O socialismo era o fim da vida familiar monogâmica imposta.

A idéias de Reich adequavam-se ao período do início dos anos 20 quando a onda revolucionária estava em pleno ascenso. Pelo ano de 1929 as atitudes tanto na Rússia como no movimento comunista internacional estavam mudando.

Mas mesmo no ápice de sua influência haviam sérias debilidades nas idéias de Reich. Ele tendia a enfatizar soluções individuais para os problemas de sexualidade reprimida, em parte uma continuação de Freud, uma tendência que se desenvolveria ainda mais com seu rompimento com o Partido Comunista. Ele também tinha uma visão mecânica da sexualidade. Para Reich o orgasmo era algo tangível, uma forma de energia como o calor ou luz. Na verdade ele acreditava que o orgasmo soltava um brilho azul! A libertação era vista como sendo liberação dessa energia.

Porém mais importante que tudo, Reich nunca rompeu com a teoria dos estágios de desenvolvimento sexual de Freud. Tanto para Freud como para Reich o ser humano nasce com a capacidade de conseguir prazer sexual de praticamente qualquer fonte, uma sexualidade amorfa que a sociedade direciona e condiciona socialmente. Entretanto esse processo era visto como se se desenvolvesse de forma linear. A sexualidade se desenvolveria através desses estágios. A saúde de uma pessoa ou de uma sociedade era julgada a partir desses estágios. Para Reich o capitalismo limitava o desenvolvimento sexual dos indivíduos pela imposição da família e pela repressão do prazer sexual.

Mas nessa teoria a homossexualidade era um dos estágios através dos quais todas as pessoas deveriam passar. Lésbicas e gays eram vistas como pessoas presas em um estágio sexual inicial - sua "libertação" seria "progredir" para a heterossexualidade. A homossexualidade seria uma regressão. Isso levou Reich a vincular a ascensão do nazismo com a opressão sexual e a homossexualidade.

A escuridão ao meio-dia:

a ascensão de Hitler e de Stalin

A década de 30 foi uma das piores épocas para os socialistas. A década presenciou a vitória do fascismo na Alemanha e na Espanha e o domínio final de Stalin na Rússia e no movimento comunista internacional.

A Alemanha havia sido o coração do movimento gay e possuía o maior partido comunista fora da Rússia e um partido social democrata de massas. E no entanto Hitler chega ao poder sem sequer um combate .

Os nazistas havia usado tropas de assalto gay na SA para ajudá-los a assumir o controle das ruas. Na "noite das longas facas" a SA foi eliminada pela SS, que se tornou o principal instrumento de terror. Qualquer ilusão de que os nazistas pudessem ser indulgentes com os gays pelo fato de que alguns de seus primeiros líderes haviam sido gays, foi selvagemmente dissipada.

Desde que chegaram ao poder em 1933 os nazistas atacaram não somente os judeus, mas também os gays, socialistas, ciganos e sindicalistas. O Instituto de Hirschfeld foi atacado e incendiado. Os sindicatos foram desmantelados, os partidos socialistas e comunistas foram banidos e os ativistas enviados aos campos de concentração. Milhões de vidas pereceram nas câmaras de gás, incluindo centenas de milhares de gays. O triângulo cor de rosa usado hoje como um símbolo gay originou-se da identificação usada pelos prisioneiros gays nos campos de concentração de Hitler.

A nova Alemanha seria construída sobre as ruínas das organizações da classe trabalhadora, com todos os elementos considerados como "desvios" sendo utilizados, junto com os judeus como bodes expiatórios - "elementos doentios" eram exterminados para criar a raça pura.

Era um capitalismo sem qualquer esmalte liberal, o nacionalismo nu e cru, o racismo e o sexismo selvagem - as criações da sociedade de classes e do capitalismo levadas às suas conclusões mais extremas e horrendas.

Mas também na Rússia os acontecimentos seguiam um curso sombrio. No final dos anos 20 Stalin lançou um programa de industrialização forçada para possibilitar ao estado russo competir com o capitalismo ocidental em seu próprio terreno. Todos os ganhos da revolução foram anulados e os altos custos da industrialização foram suportados pelos trabalhadores e camponeses russos. Os direitos e as organizações dos trabalhadores foram esmagadas, as condições de vida foram pioradas cada vez mais, ao mesmo tempo em que se trabalhava cada vez mais. A resistência a essa contra-revolução foi resolvida com trabalho forçado, exílio e execução. Das cinzas da revolução surgiu uma nova forma de capitalismo - o capitalismo de estado burocrático - o qual colocou-se a tarefa de modernizar a Rússia e alcançar o ocidente. A burocracia estatal formada pelos membros dos altos escalões do partido comunista tornou-se a nova classe dominante.

Novamente milhões morreram nesse processo, nos campos de trabalho da Sibéria. Transformar um partido da classe trabalhadora em uma nova classe dominante só era possível com a destruição física daqueles que permaneciam revolucionários. Muitos bolcheviques antigos recordavam os dias em que eles estavam em um partido que lutava pela libertação e pelo socialismo pela base. Eles foram expulsos do partido, exilados ou assassinados. Trotsky tornou-se a figura em torno da qual a oposição se organizou tendo sido um dos poucos revolucionários que sobreviveu aos expurgos de Stalin. E uma vez mais uma derrota para a esquerda foi uma derrota para gays e lésbicas.

À medida em que a revolução foi se degenerando durante a década de 20 as conquistas das mulheres sofreram uma erosão progressiva. Cozinhas e creches comunais ou foram fechadas ou se tornaram inadequadas para o uso. O processo iniciado pela revolução de abolir a família foi completamente interrompido. A contra-revolução de Stalin foi mais além, promovendo a família como uma das instituições-chave para manter a ordem e uma nação "saudável".

Em 1934 toda a legislação progressista dos bolcheviques sobre a sexualidade foi revertida. A homossexualidade tornou-se ilegal (ainda é ilegal na União Soviética). Os abortos se tornaram impossíveis de serem realizados a menos que se fosse um membro da classe dominante. As mulheres passaram a ser idealizadas como mães e recebiam medalhas pelo número de filhos que tinham.

De um modo horrendo a Rússia de Stalin e a Alemanha de Hitler espelhavam um ao outro no tocante à política sexual. Na Alemanha a homossexualidade era denunciada como uma "prática bolchevique". Na Rússia e nos partidos comunistas ao redor do mundo (agora efetivamente instrumentos da política externa russa) era rotulada como um "desvio burguês", um rótulo que persiste entre alguns setores da esquerda. Os cartazes e a propaganda de ambos os países nos anos 30 eram espelhos uns dos outros. Em ambos retratavam-se mães saudáveis com crianças em seus braços. O realismo socialista do stalinismo era idêntico à arte nazista na sua dependência de estereótipos sexuais.

O efeito do stalinismo na esquerda dos anos 30 aos anos 60 não pode ser subestimado. Ele quase destruiu a memória do socialismo pela base, do

socialismo como criação da classe trabalhadora, da luta pela libertação sexual.

Na Grã-Bretanha duas correntes dominaram no campo da esquerda, o Partido Comunista stalinista e o Partido Trabalhista reformista. Ambos eram reacionários nas suas idéias e práticas sobre a sexualidade. O Partido Comunista estava imbuído de todas as idéias que já descrevemos e que emanavam da Rússia stalinista. E o Partido Trabalhista estava associado há muito tempo com o metodismo e a "classe trabalhadora respeitável". Quaisquer noções de "desvio" sexual eram vistas como sendo perversões da classe dominante ou da classe média.

A memória do que havia sido a Revolução Russa, nas palavras de Lenin o "festival dos oprimidos", foi quase extinta. A tarefa de manter vivas as idéias marxistas nas piores condições possíveis coube a pequenos grupos isolados que se aglutinavam em torno de Trotsky. Marginalizados como estavam, as idéias se tornaram distorcidas. Essas idéias só foram redescobertas com o reavivamento da luta nos anos 60.

A tradição stalinista não só abandonou qualquer luta pela libertação gay, mas também vinculava a homossexualidade com o nazismo, como produtos similares do capitalismo decadente. Exemplo típico das atitudes do stalinismo nessa época é este extrato de uma resenha de uma peça de Mae West publicada na revista americana **The New Masses** em 1934:

"(...)a introversão é essencialmente uma doença de classe e o resultado direto de uma vida sibarita [vida dada a prazeres, N.doT.] que finalmente resulta num profundo tédio pela falta de qualquer estímulo ou excitação possíveis. Está invariavelmente associada com aqueles elementos gêmeos de perversão, o sadismo e o masoquismo, e geralmente revela-se entre os representantes de uma classe decadente. A crueldade sádica do hitlerismo não é acidente. É o sintoma inequívoco de uma doença incurável (...) foi somente com o advento do Fuehrer que a homossexualidade foi elevada à categoria da arte de governar". [citado em Joseph North (ed.), *New Masses International Publishers*]

Ao mesmo tempo em que isto estava sendo escrito dezenas de milhares de lésbicas e gays estavam sendo levados às câmaras de gás de Hitler.

E no entanto os partidos comunistas tinham em suas fileiras muitos escritores e "companheiros de viagens" gays famosos - W H Auden, Christopher Isherwood, Stephen Spender, E M Forster entre outros. Eles nada disseram à época, em parte devido ao sentimento de culpa (culpa de ser classe média, mesclada à culpa de ser gay) e em parte pelos tempos sinistros. Somente André Gide criticou a Rússia por ter uma posição reacionária sobre a questão, e por causa disso foi violentamente atacado pela "esquerda". A vasta maioria dos "companheiros de viagens" dos anos 30 abandonou a política de esquerda nos anos 40 e 50. Alguns passaram para a direita. Auden retornou ao catolicismo, e Isherwood voltou-se para o misticismo oriental.

Mas nos anos 30, com a maré crescente do fascismo, o comunismo stalinista - não importava o quão suspeitas algumas de suas idéias fossem - parecia ser a única esperança para a maioria dos socialistas.

A homossexualidade voltou para os porões da sociedade e deixou de ser parte da tradição da esquerda. Os gays viram-se encerrados em um mundo secreto de pessoas que eram identificadas por códigos e senhas somente compreendidos por elas próprias. Permaneceram encerrados num mundo subterrâneo dos bares gays, dos clubes privados, dos banheiros públicos e da linguagem codificada.

Stonewall e a ascensão da libertação gay

Foi somente no final da década de 50 que o edifício stalinista começou a rachar. Na Hungria em 1956, Checoslováquia em 1968 e na Polônia em 1970 a luta dos trabalhadores, que estava paralisada há mais de duas gerações, voltou para ameaçar os governantes do Ocidente e do Leste.

Mas foi no Ocidente que o movimento se fez sentir mais, remodelando o pensamento da esquerda. A revolta de Stonewall, com a subsequente criação da Frente de Libertação Gay [FLG], foi um marco para a reintrodução da luta pela libertação gay na política da esquerda. Mas do mesmo modo como nos períodos anteriores devemos compreender essa nova evolução da política gay dentro do contexto mais amplo da luta de classes.

Stonewall ocorreu em um momento de ascenso da luta de massas. Houveram muitas revoltas dos oprimidos através da história do capitalismo, mas é apenas nos momentos em que há um alto nível de luta generalizada que essas revoltas podem gerar resultados significativos. A revolta de Stonewall levou diretamente à criação de um movimento político, do mesmo modo que as revoltas negras dos anos 60 nos EUA levaram ao nascimento do Partido dos Panteras Negras. A FLG foi um fruto do avanço das lutas políticas.

Esse próprio ascenso foi o resultado de vários fatores. Foi em parte uma consequência das mudanças do próprio capitalismo. Com o longo *boom* do pós-Guerra, o maior de toda a história do capitalismo, o sistema atravessou as décadas de 40 e 50 até chegar aos anos 60 sem passar pelas recessões típicas à natureza cíclica da economia capitalista. Houve uma falta de mão-de-obra nas economias em expansão do Ocidente, e, assim, milhões de mulheres tornaram-se trabalhadoras nas novas indústrias em crescimento. A vida familiar tradicional mudou rapidamente.

A expansão minou a família, empurrando as mulheres ao mercado de trabalho, dando-lhes assim um grau muito maior de independência econômica, e concedendo reformas que, de algum modo, foram de encontro às aspirações crescentes dos trabalhadores. O Estado do bem-estar social foi a mais importante dessas reformas: e embora estivesse imbuído de todo o lixo sexista e reacionário do sistema, ajudou a libertar as mulheres da prisão do lar.

O advento da pílula e a disponibilidade de um amplo serviço de aconselhamento contraceptivo finalmente cortou o laço entre sexo e reprodução para os heterossexuais.

Os dias em que a classe trabalhadora só possuía a família para recorrer, como havia sido durante o desemprego de massas nos anos 30, estavam terminados. As mulheres trabalhadoras estavam livres do constante temor da gravidez. Os "permissivos" anos 60 foram, pelo menos em parte, consequência do próprio crescimento do capitalismo. A elevação do padrão de vida e as expectativas crescentes levaram a uma crise dos velhos valores morais que haviam dominado a primeira metade do século.

Mas o fator mais importante foi a luta que minou a força das idéias reacionárias. Após as derrotas das décadas de 20, 30 e 40 a classe

trabalhadora cresceu numericamente e ganhou confiança com as lutas que começou a travar nos anos 50. As greves eram curtas, mas eram frequentes e em sua maioria eram vitoriosas. Essa foi a base para o grande ascenso das lutas de massas no final dos anos 60.

O sistema, tanto no Ocidente quanto no Leste, foi abalado pela onda massiva de lutas que varreu o mundo - o movimento anti-guerra nos EUA, a revolta operária e estudantil na França e a "Primavera de Praga" em 1968, Itália em 1969, Grã-Bretanha em 1972 e 1974, Portugal em 1974.

A guerra do Vietnã tornou-se um foco importante para essa maré de revolta e luta. Nos EUA o movimento contra a guerra envolveu milhões de pessoas, e as manifestações em Washington aglutinavam centenas de milhares. Os guetos negros foram o cenário de grandes revoltas com as massas de trabalhadores negros exigindo direitos iguais e questionando a sua opressão. O movimento de mulheres conheceu idêntico crescimento. Foi uma época em que o sistema estava sendo desafiado por todos os lados, quando a opressão estava sendo reconhecida e combatida. Foi uma época em que a esquerda revolucionária saiu do isolamento e passou a crescer rapidamente. E foi também o renascimento da política gay com a revolta de Stonewall.

Stonewall

Era noite de sexta-feira no bar Stonewall, no dia 27 de junho de 1969. Estava cheio como sempre. Stonewall era um bar na Christopher Street situado em Greenwich Village, centro de Nova Iorque. Como hoje, era o centro gay da cidade. Duzentos gays estavam presentes, todos homens, 50 ou mais travestis.

Stonewall era uma espelunca, e seus clientes eram, em sua maioria, jovens trabalhadores. Como a maioria dos bares gays, Stonewall era controlado pela Máfia, o que significava preços altos. O bar permanecia aberto apenas por causa das propinas pagas à polícia.

Para justificar os pagamentos a polícia fazia batidas ocasionalmente. Naquela noite quente de 1969 oito policiais resolveram dar uma batida em Stonewall. Eram apenas oito porque era um bar de "fadas" - quem já poderia imaginar que eles lutassem? Assim, não esperavam qualquer problema.

Para começar a batida seguiram a rotina de sempre - a polícia encheu os camburões para levá-los à delegacia. Lá seriam interrogados, mantidos para identificação e humilhados, a mercê dos policiais.

Mas naquele dia uma multidão começou a se juntar ao redor do bar, gritando e provocando a polícia. De repente a multidão, cada vez maior, começou a ficar cada vez mais zangada. Antes que se dessem conta do que estava acontecendo os policiais se viram diante de uma multidão hostil que avançava sobre eles.

Os policiais recuaram, alguns com as pistolas sacadas, para dentro do bar vazio. A multidão libertou os gays que estavam dentro dos camburões e sitiou os policiais dentro do bar. Encurralados, os policiais ligaram para a delegacia pedindo auxílio.

A delegacia enviou a "Força Policial Tática", a tropa de choque de Nova Iorque normalmente usada somente no Harlem. Isso desencadeou uma revolta. Janelas foram quebradas, alarmes contra incêndio foram ativados, latas de lixo foram usadas como mísseis e os carros da polícia incendiados.

A revolta durou três noites, começando no crepúsculo e terminando ao alvorecer. A polícia foi obrigada a recuar da área. Incidentes menores iriam ocorrer durante todo o verão, até a formação, no mês de agosto, da Frente de Libertação Gay.

A FLG tomou Nova Iorque e a polícia de surpresa. Um ato "normal" da opressão cotidiana desencadeou uma resposta. A FLG realizou uma campanha contra os donos dos bares gays, os quais eram vistos como parasitas que exploravam os gays com seus preços exorbitantes e mantinham uma ligação com a polícia corrupta. A FLG realizava reuniões públicas, publicava um jornal, o **Outcome**, e organizou um dia de ação para retomar a Christopher Street das mãos da polícia - um dia para ser abertamente gay nas ruas.

Hoje em dia manifestações pelo orgulho gay são realizados no mundo todo (em Nova Iorque e em S. Francisco atraem mais de 100 mil pessoas) para celebrar a revolta de Stonewall. Ironicamente aquela revolta foi em parte um movimento contra os proprietários da "economia cor-de-rosa" - as pessoas que hoje estão na organização das manifestações.

Stonewall- consequências e conquistas

A FLG era, junto com o Viet Cong e o Vietnã do Norte, um inimigo do estado norte-americano. Começou com o que na época era comum, mas hoje é raro- uma identificação com a luta revolucionária. Houveram muitos problemas na política do movimento gay no início dos anos 70, mas começou a partir de uma perspectiva revolucionária que foi um grande marco para a compreensão e a luta contra a opressão gay.

A FLG era uma organização de combate nascida nas ruas, e dispendeu a maior parte de seu tempo lutando nas ruas. Seus slogans resumiam a sua nova análise da opressão gay - "Diga em alto e bom som, eu sou gay e tenho orgulho disso", "Não sou eu quem está doente, mas sim uma sociedade que me chama de doente".

A ênfase estava no fato de que os gays viviam em uma sociedade opressora que tinha que ser mudada. E essa mudança só poderia vir com os gays e as lésbicas lutando abertamente nas ruas. A luta contra a opressão gay começa a partir do ato de assumir - os gays tem que assumir-se publicamente e lutar para mudar as atitudes das pessoas e combater todas as formas de perseguição e preconceito. Tudo isso era excelente e um grande passo adiante.

Talvez um dos desenvolvimentos mais importantes do movimento gay foi a importância dada à atitude de assumir a sua opção sexual. O primeiro opressor dos gays são eles próprios - chegar a um termo com uma sexualidade que é taxada de "desvio" pela sociedade significa aprender a ter orgulho e não vergonha de sua sexualidade.

A FLG não só analisou a opressão gay mas de modo geral esboçou a saída para superá-la, através da luta. Eles se identificaram com as lutas mais amplas contra o sistema. Tomaram parte em debates com os Panteras Negras, argumentando contra suas idéias machistas anti-gay - um debate que pelo menos formalmente eles ganharam. Eles estiveram envolvidos não somente com questões relacionadas aos gays, mas também participaram

ativamente das manifestações contra a guerra do Vietnã. Eles viam a necessidade de transformar radicalmente a sociedade, em outras palavras, a necessidade de esmagar o capitalismo.

O Caminho Adiante

Ao longo deste caderno afirmamos repetidas vezes que a única solução para a opressão gay e todas as outras opressões na sociedade é o socialismo - a conquista do poder pela classe trabalhadora e a construção de uma nova sociedade.

A opressão gay está enraizada no modo como o socialismo está estruturado e organizado. O problema não é simplesmente que muitas pessoas têm idéias erradas em suas cabeças, mas que essas idéias refletem o modo no qual a sociedade está organizada - elas possuem uma base material. A importância da família para o capitalismo e a ameaça que os gays representam para a família significa que a opressão gay é um traço inevitável do capitalismo.

A história da luta contra a opressão gay está vinculada à história da luta de classes e da luta pelo socialismo. O movimento marxista em seus primórdios via a luta pela libertação gay como uma parte necessária da luta pelo socialismo. E cada derrota sofrida pela esquerda tem sido derrota para os direitos gays e uma senha para perseguições maiores de lésbicas e gays.

Pois os oprimidos não podem alcançar a libertação por si sós. As divisões de classe, a divisão que não ousa pronunciar seu nome, perpassa a história e a prática do movimento gay. A libertação gay é uma questão de classe. Lésbicas e gays da classe trabalhadora são os mais oprimidos, aqueles que mais sofrem os preconceitos e as perseguições, os que foram mais excluídos das reformas e ganhos dos anos 60 e 70. O movimento gay, mesmo na sua expressão mais radical - a FLG - falhou em apreciar o problema e superá-lo. A divisão fundamental que existe na sociedade, incluindo a sociedade gay, é a divisão de classes.

É difícil para a maioria das lésbicas e gays ver na classe trabalhadora e na luta pelo socialismo a saída para conquistar a libertação. Isso significa aceitar a idéia de que a esperança está no setor da população que no momento é o mais homófobo, e anti-gay e anti-lésbicas.

Na maior parte do tempo as divisões que existem no interior da classe trabalhadora - entre gays e heterossexuais, brancos e negros, homens e mulheres - parecem ser imutáveis. Contudo cada luta da classe trabalhadora quebra essas divisões aos poucos. Quando a luta de classes atinge níveis particularmente elevados é possível derrubar séculos de preconceito, à medida em que a luta unifica todos os trabalhadores, passando por cima de todas as divisões "normais" da sociedade.

Na Rússia pré-revolucionária o peso da reacionária Igreja Ortodoxa russa e dos séculos de atraso levou a níveis horríveis de anti-semitismo. Os judeus eram barrados por lei de possuir terras ou assumir certos postos. As vilas judias eram sujeitas a ataques e progooms. Em toda a Europa nenhum outro lugar possuía níveis tão profundos de preconceito cego. E no entanto durante as revoluções de 1905 e 1917 o mais importante conselho operário criado pelos trabalhadores russos elegeu como presidente um judeu, Leon Trotsky. Os bolcheviques, que conquistaram a maioria nos conselhos no final de 1917, tinham inúmeros judeus na sua direção. No processo de conquista do poder os trabalhadores russos haviam superado séculos de preconceito.

Um exemplo mais recente é a grande greve dos mineiros ingleses de 1984-85. A organização de um grupo de apoio à greve formado por gays e lésbicas levou uma delegação de mineiros a encabeçar, com o estandarte da mina que representavam e com uma banda musical, a manifestação pelo Orgulho Gay de 1985. Esse era um setor da classe trabalhadora que, antes da greve, dificilmente poderia ser igualado pela sua tradição reacionária em questões relacionadas à sexualidade. A categoria dos mineiros é formada exclusivamente por homens. Muitos vivem em vilas isoladas, longe das influências "corruptíveis" das grandes cidades e do cenário gay.

E apesar de tudo isso, sua experiência durante a greve levou-os a serem ganhos para o apoio aos direitos gays e, assim, muitos mineiros tiveram condições de passar a assumir abertamente a sua sexualidade. Mesmo uma greve defensiva, que foi derrotada, mostrou como a experiência da luta pode superar idéias reacionárias.

É claro que essas mudanças não são automáticas. A luta apenas cria a possibilidade para transformar as idéias. Daí porque é necessária uma organização socialista - para organizar os setores mais avançados da classe trabalhadora para argumentar e conquistar mais trabalhadores. Para discutir com os trabalhadores a necessidade da libertação gay e discutir com gays e lésbicas a necessidade de lutar pelo socialismo. Por isso precisamos de um partido revolucionário baseado na idéia do socialismo como a auto-emancipação da classe trabalhadora através da luta. Nós, da tendência **Socialismo Internacional**, lutamos para construí-lo.

Nós vivemos em um mundo de extremas contradições - milhões morrem de fome e desnutrição, enquanto toneladas de alimentos são destruídos pelos capitalistas do mundo todo para manter os preços elevados. Milhares de trabalhadores da construção civil estão nas filas de desempregados enquanto outras milhares de pessoas vivem nas ruas, sob viadutos, porque não possuem casa. O capitalismo cria um sistema com um potencial vasto, com inovações tecnológicas e invenções que poderiam criar uma sociedade de riqueza e prosperidade para todos, mas que são usados para produzir lucros e não para suprir as necessidades humanas.

O capitalismo é uma sociedade que se baseia na promoção da divisão e dos preconceitos para dividir e dominar. Mas é também um sistema que cria a classe que pode destruí-lo para construir em seu lugar um mundo novo. Essa classe, a classe trabalhadora, tem o poder para acabar com todas as opressões e com a exploração. Para isso tem que destruir as velhas instituições da sociedade e construir outras instituições, realmente democráticas, que possam dirigir diretamente a sociedade - os conselhos de trabalhadores com delegados revogáveis e o poder real para controlar o que a sociedade produz. Tal tarefa parece ser impossível agora, mas todos os períodos históricos em que a luta de classes chegou a ameaçar o domínio burguês os conselhos surgiram, ainda que em forma embrionária, como na França em 1968, Chile em 1973, Portugal em 1975, Irã em 1979, Polônia em 1980-81, para ficarmos apenas nesses exemplos. Tais lutas não surgem por decreto, mas sim da natureza do próprio sistema. Na medida em que a crise do capitalismo se aprofunda é cada vez maior a possibilidade de que movimentos revolucionários desse porte se repitam.

No presente momento as lésbicas e os gays são vítimas de um preconceito cada vez maior, alimentado pela mídia e pela direita,

principalmente com o advento da AIDS na década passada. É particularmente importante nessa situação que todos os socialistas defendam e lutem pela libertação gay. Mas também é fundamental que defendamos a necessidade da sociedade socialista, uma sociedade onde a idéia de libertação gay torna-se uma realidade palpável, e onde a divisão artificial entre "heterossexuais" e "homossexuais" possa ser derrubada de uma vez por todas.

O socialismo não se refere apenas ao fim de toda opressão e exploração. É também uma luta para que nos libertemos de todos os preconceitos e toda a repressão que distorcem e destroem a nossa sexualidade.

- Título Original "Gay Liberation and the Struggle for socialism", Bookmarks, London. Tradução R. Polly.
-